



RITA TABORDA DUARTE

RITA TABORDA DUARTE (Lisboa, 1973).

Estreou-se na poesia em 1998 com *Poética Breve*, publicado na Black Sun Editores. Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, fez mestrado em Teoria da Literatura. Produziu crítica literária no suplemento do jornal *Público*, nas revistas *Relâmpago* e *Colóquio-Letras*. Com uma bolsa de criação literária do Ministério da Cultura dedicou-se à escrita de *Na Estranha Casa de um Outro: Esboço de uma Biografia Poética* (ASA, 2006). Tem vasta obra publicada no domínio da literatura infantil, assim como alguma ficção distribuída por antologias. Em 2007, em colaboração com o filósofo André Barata, publicou *Experiências Descritivas: Dos sentidos das coisas/Círculos* (Caminho, 2007). Entre as suas obras de poesia mais recentes contam-se *Roturas e Ligamentos* e *As Orelhas de Karenin*, ambas publicadas pela editora Abysmo em 2015 e 2019. É professora adjunta convidada na Escola Superior de Comunicação Social.

POÉTICA II

Um poema a cemporcentimento
respirado

não é senão

Cinquantaporcento expiração
e outros cinquentaital de inspirado

In *Poética Breve*, Black Sun Editores, Julho de 1998, p. 9.

FINAL

III

Voltar as costas não é nunca abandonar:
é apagar o mundo
atrás de nós
e
trocá-lo
trocá-lo i n g e n u a m e n t e
por uma memória
imaginada

In *Experiências Descritivas – Dos sentidos das coisas*,
Editorial Caminho, Fevereiro de 2007, p. 44.

COMO QUEM DIZ

Passou o verão é outono já a estação híbrida
na verdade uma meia estação indecisa entre
o tempo que se apaga e a gravidade
de uma tristeza caindo com a calma
das folhas, não das aves:

os pássaros quando morrem caem no céu

não atravessam o ar assim de encontro ao solo,
só uma pena ou outra as acompanha,
às folhas,
na dolência da queda.

Desvoo lento.

É outono e vale tudo agora, os últimos brilhos

para outros séculos outras estações.
O outono poisa na paisagem, macilento,
tudo envolve na mesma poalha baça levemente dourada.
É outono agora... e nada nos soa mal
nada parece mal
sequer esta indiferença morna com que dizes querida
devagar como quem diz cabra

In *Elogio do Outono*, 100 cabeças, Abril de 2014, s/p.

COITADO DO ÁLVARO DE CAMPOS

«Coitado do Álvaro de Campos!
Tão isolado na vida! Tão deprimido nas sensações!
Coitado dele, enfiado na poltrona da sua melancolia!»
Álvaro de Campos

Quando não fumo cigarros pensativos que é quase sempre
como freneticamente chocolates metafísicos
e Penso meditante

na sorte do Álvaro de Campos Coitado confortável
na sua poltrona longa e larga poltrona de quantas melancolias
e na minha — que não me queixo quase nunca
e que me basta
a madeira do banco em que me instalo e sento duro e manco

;

três pernas inteiras de tristeza

e

outra ainda — mais curta — de alegria

In *Canal — Revista de Literatura*, n.º 3, Julho – Agosto, 1998, p. 42.

LUTO

Há que ter cuidado e
voltar a pisar as flores
quando se passa.

Que toda a terra
seja cadinho de tojo
moído sobre o húmus:
nada, nem fénix alguma,
nem o prenúncio sequer da primavera
deve renascer da cinza em luto.

Só esta fúria daninha: a memória
das raízes porfiando.
Ardendo
no coração do rio.

In *As Orelhas de Karenin*, com desenhos
de Pedro Proença, *Abysmo*, Setembro
de 2019, p. 54.

POEMA COM MUITO VAGO EROTISMO AO FUNDO

Não é a mesma a língua com que te falo
a língua
com que te beijo ou esta língua outra
em que te escrevo,
a tinta espessa, vagamente húmida.

É preferível escrever-te que beijar-te:
a folha rasa limpa é corpo liso
acolhendo quente o contorno da letra
e com essa língua sinceramente falo
e digo quase sinto
o beijo que te escrevo e não te dou.

In *Roturas e Ligamentos*, com ilustrações de André da Loba,
Abysmo, 2.ª edição, Junho de 2016 (1.ª edição, Novembro
de 2015), p. 38.



DIGA
33
POESIA
NO TEATRO
PROGRAMA ELABORADO POR
HENRIQUE MANUEL
BENTO FIALHO

RITA
TABORDA
DUARTE
20 ABRIL 2021

